



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

De onde se fala?

Miguel Antunes

Uma das mutações no laço social, em nosso tempo, é a entrada da expressão “lugar de fala”, que rapidamente foi aderida ao vocabulário cotidiano. Poderíamos dizer que a referida expressão refere-se a um lugar social (Ribeiro, 2017) e de reconhecimento, seja das minorias, dos privilégios e etc.

Os grupos identitários parecem funcionar exigindo que o “lugar de fala” fique em primeiro plano, o que pode acabar por excluir o diálogo com não pertencentes, ou os que não compartilham da mesma identificação. Pois, nos conduz a pensar que nesses grupos não há mediação e nem espaço para a contingência, restando, somente a imediatez - tão presente na cultura do cancelamento.

Sobre o efeito massificante nas organizações, como a cultura do cancelamento, Freud (1921/2011) já nos alertava em relação ao possível efeito de apagamento subjetivo e “diminuição da capacidade intelectual” (p.25). Prevalecendo, assim, uma fala carregada de sentido, identificada ao Eu, ao ideal e ao traço identificatório que une o grupo. Não cabendo nada além da irmandade formada em torno do significante que os aglutinou.

O que proponho é um caminho diferente em relação ao “lugar de fala”. Trata-se de um giro de leitura rumo à lógica não-segregativa e à solidão de cada um, ou como diz Miller (2016) ao “pequeno número de pessoas reunidas em separado” (01).

Cada membro desse “pequeno grupo” fala a partir de seu “lugar de causa”, ou seja, não se trata de um enunciado e nem de uma proposição, mas de uma vociferação. Essa vociferação não distancia o sujeito da fala, ao contrário, o inclui desde seu ponto de emissão e o remete cada um à sua solidão de sua relação com o ideal (Miller, 2016).

E de onde se vocifera? Podemos responder que não se trata de uma queixa e muito menos de uma reivindicação, mas, sim, do lugar de Mais-Ninguém, ou seja, uma vociferação que orienta (Miller, 2015). Neste lugar esvaziado, de Mais-Ninguém, é ali que o sujeito pode ocupar e dizer o que somente ele, e mais ninguém, poderia dizer, daí que esse ensinamento se vocifera. O que proponho nomear como “lugar de causa”.

Em outras palavras, trata-se de uma identificação dessegregativa (Laurent, 2020) em que o que está em jogo é a solidão subjetiva e o efeito desmassificante que não consiste em operar na lógica do “nós” contra “eles” e nem do amigo/inimigo íntimo.

À guisa de conclusão, o que ressoou em mim como efeito das apresentações dos convidados da XXIV Jornada, assim como o trabalho de Cartel, é o funcionamento da “coletividade anti-identificatória” (Laurent, 2014) em que o efeito de separação do eu e os outros não esteja presente.

Poderíamos pensar que o “lugar de causa” pode fazer frente ao ódio e a segregação, presente nos fenômenos sociais? Outra pergunta: o “lugar de causa”, uma vez que opera pela lógica dessegregativa, estaria no registro de um “novo amor”?

Bibliografia

- Freud, S. (1921/2011). *Psicologia das massas e análise do Eu*. In C. d. letras (Ed.), *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-2923)*. São Paulo.
- Laurent, E. (2014). *Racismo 2.0*. Retrieved from <http://ampblog2006.blogspot.com/2014/02/lacan-cotidiano-n-371-portugues.html>
- Laurent, E. (2020). *Política do Passe e identificação dessegregativa*. In E. B. d. *Psicanálise* (Ed.), (Vol. 82). Rio de Janeiro.
- Miller, J.-A. (2015). *Todo mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2016). *Teoria de Turim: Sobre o sujeito da Escola*. *Opção Lacaniana online nova série*. Retrieved from http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf
- Ribeiro, D. (2017). *Curta! Livros | O que é lugar de fala?* Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw>